UGARTE, José António Badiola Saenz de – *La voluntad de Dios Padre en el Evangelio de Mateus*, [= Biblica Victoriensia 7], Vitoria-Gasteiz, Editorial ESET 2009, 349pp. ISBN 978-84-7167-152-3

O sétimo volume desta colecção edita a tese de doutoramento do autor apresentada ao Pontifício Instituto Bíblico em 2009 sobre *A vontade de Deus Pai no evangelho de Mateus*, e orientada pelo professor emérito de Novo Testamento – o jesuíta Klemens Stock. O autor divide a obra em seis capítulos, um por cada uma das ocorrências da expressão "thélema" ao longo do primeiro evangelho canónico, numa evidente gradação narrativa.

A expressão "fazer a vontade do Pai" é mais do que a confissão da fé ou do que o exercício prático – as obras – que podem ser consideradas como "missionárias". Importa, para tratar esta questão, ter presentes as seis ocorrências do substantivo "thélema" distribuídas ao longo do evangelho (cf. Mt 6,10 "venha o teu reino, aconteça a tua vontade, como no céu assim na terra"; 7,21 "não é aquele que me diz 'Senhor, Senhor' entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu pai nos céus; 12,50 "todo aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe"; 18,14 "assim não é o desejo do meu Pai que está nos céus que se perca um destes mais pequeninos"; 21,31 "qual destes dois fez a vontade do Pai? Disseram: 'o primeiro'. Diz-lhes Jesus: na verdade eu digo-vos que os cobradores de impostos e as mulheres de má vida irão à vossa frente para o reino de Deus"; 26,42 "... rezava dizendo: Pai, se fôr possível que isto passe sem que eu o beba, aconteça a tua vontade"), vontade (ou desígnio) que é sempre colocado nos lábios de Jesus em relação (ou referência) a Deus Pai. Este conceito "thélema" forma parte do chamado "vocabulário preferido de Mateus", o que significa que pertence ao campo semântico do evangelista. Um estudo sincrónico destas ocorrências ajuda a dilucidar o sentido que é dado ao conceito ao longo do texto evangélico, e como esssa expressão vai ganhando uma gradação cada vez maior. O clímax da expressão "vontade do Pai" atinge-se na sexta ocorrência, quando Jesus se abandona ao projecto do Pai aceitando o seu destino mortal, toda a carga da paixão e da morte.

Mt 6,10 está inserido na perícope do "Pai-Nosso" para apresentar uma ideia-chave que percorre todo o evangelho e pela qual Mateus pretende transmitir uma ideia fundamental (pp.29-81). Começar por referir a temática da "vontade" inserindo-a na perícope do Pai-Nosso pretende indicar ao leitor que está colocado num ambiente de gratuidade para poder receber de Deus (que é Pai) a sua vontade paterna. Com este contexto, o leitor coloca-se num ambiente de recepção de tudo aquilo que uma vontade paterna pode desejar para os seus filhos que ama. A história começa assim num âmbito de graça e de salvação.

Em Mt 7,21 passa-se ao verbo "genethetô" (que aconteça, que seja assim), pelo que se passa agora (diversamente de 6,10) para uma vontade que deve ser *feita*, que deve ser realizada (ho poiôn) pelos discípulos (pp.83-125). A tensão narrativa aumenta quando se constata que "fazer a vontade" do Pai colide com os interesses instalados e com as perspectivas religiosas habituais (acreditar e fazer obras missionárias). A partir daqui, fazer a vontade de Deus implica um comportamento ético. Logo, não é indiferente o que eu faço e como o faço. Não o faço só por fazer.

Em Mt 12,50 surge outra mudança: fazer a vontade do Pai afecta os que devem fazer essa vontade do Pai: para a fazer é preciso ser "discípulo" de Jesus (pp.127-153). Agora, o importante não está na condição de ser "mãe, irmãos ou irmãs" de Jesus, mas antes no facto de que os discípulos são os únicos que estão em condições para fazer a vontade do Pai. Estabelece-se assim o discipulado como condição essencial para fazer a vontade do Pai.

Mt 18,14 assume-se como uma passagem importante na medida em que é a primeira

vez que nada concreto é referido acerca da vontade de Deus Pai (pp.155-186). Além disso, já não se usa nem o verbo *poiéô* nem o verbo *gínomai*, mas o verbo *eimí*. Mateus aqui mostra como a entrega pastoral à missão tem como exemplo Jesus e entronca no desígnio salvador de Deus Pai que não quer que ninguém se perca.

Mt 21,31 apresenta esta vontade como sendo a vontade de um pai de dois filhos que não trabalham da mesma maneira na vinha (pp.187-243). Esta parábola agora é dirigida aos sumo-sacerdotes e aos anciãos do povo, sendo esta a primeira vez neste contexto específico que Jesus não trata da temática da vontade de Deus com os discípulos. Os chefes religiosos de Israel têm uma visão muito particular da vontade de Deus. Para eles, a vontade de Deus é pertença de alguns, mas Jesus deslegitima totalmente esta visão, porque a vontade de Deus passa a ser realizada e reabilitada pelos grupos marginais dos publicanos e das prostitutas, esses sim que são integrados no caminho do reino.

Mt 26,42 surge como o clímax da expressão. Entregando-se Jesus de forma incondicional à paixão, realiza a vontade divina. O evangelista propõe-nos assim um exemplo a seguir pelos discípulos: a entrega martirial no seguimento de Jesus (pp.245-300).

Assim, a expressão "vontade do Pai" supõe um itinerário existencial espiritual para todo o discípulo de Jesus e para a comunidade, a qual pretende ser transparência de Jesus. Este itinerário tem como meta e origem a confiança na salvação oferecida por Deus Pai. Por outro lado, este projecto exige a responsabilidade ética dos discípulos (p.316) numa entrega pastoral incondicional que evite a perdição de alguém. Por último, este itinerário deslegitima outros caminhos e outros estilos para compreender ou para realizar a vontade de Deus Pai. Neste sentido, é muito crítico.

O autor delimitou assim o seu objecto de estudo. Saltou à vista o facto de Mateus não utilizar a expressão "vontade de Deus" (cf. Mc 3,35), mas antes "vontade do Pai", o que representa um contributo substancial para a inteligência do evangelho de Mateus, que muito saudamos.

José Carlos Carvalho